

IMPERMANENTIA



impermanentia
in danger

ANA MALTA



ANA MALTA

A exposição “Impermanentia” apresenta um conjunto inédito de obras executadas a pastel ao longo de 2025, através do qual Ana Malta aprofunda a sua pesquisa em torno das relações entre corpo, memória, tempo e espaço íntimo.

Distinguindo-se pela intensidade cromática e gestual da sua linguagem plástica, Ana Malta consagra transversalmente o corpo - reiteradamente retratado - como um arquivo vivo de emoções e memorações, patenteando a fragilidade e a mutabilidade da identidade.

Na génese da sua obra subsiste um encanto particular pela memória de curto prazo e pela sua natureza volátil, fragmentária e sensorial. Partindo desta premissa, a sua prática de pintura convoca o automatismo psíquico puro, caro à tradição surrealista, como método de exploração do gesto e do inconsciente, permitindo que o erro se converta em possibilidade poética e que o ato de desenhar e pintar assuma uma dimensão de descoberta intuitiva.

As suas composições emergem de um conjunto de manchas primordiais, aparentemente arbitrárias, que operam como matriz estrutural do processo criativo — um território de indeterminação onde a forma se revela gradualmente. A partir dessa base, Ana Malta instaura uma ordem interior que organiza o caos visual e vital, transformando a espontaneidade do gesto e a fluidez da lembrança em registos de vivências efémeras. O resultado é uma cartografia emocional em permanente construção, onde o acaso, a cor e a renovação do gesto instauram um diálogo entre controlo e liberdade, entre intuição e consciência.

IMPERMANENTIA

15.11.2025 – 24.01.2026



“Impermanentia” presents a series of entirely new pastel works created throughout 2025, through which Ana Malta deepens her investigation into the relationships between body, memory, time, and intimate space.

Distinguished by the chromatic intensity and gestural expressiveness of her visual language, Malta consistently consecrates the body — repeatedly depicted — as a living archive of emotions and recollections, revealing the fragility and mutability of identity.

At the genesis of her work lies a particular fascination with short-term memory and its volatile, fragmentary, and sensorial nature. Building upon this premise, her pictorial practice invokes psychic automatism, central to the Surrealist tradition, as a method of exploring gesture and the unconscious — allowing error to become a poetic possibility and transforming the act of drawing and painting into a process of intuitive discovery.

Her compositions emerge from primordial stains, seemingly arbitrary, which serve as the structural matrix of the creative process — a territory of indeterminacy where form gradually reveals itself. From this foundation, Malta establishes an inner order that organises visual and emotional chaos, transforming the spontaneity of gesture and the fluidity of memory into records of ephemeral experiences. The result is an emotional cartography in perpetual construction, where chance, colour, and the reiteration of gesture sustain a dialogue between control and freedom, intuition and consciousness.

“A mais planos sem enganos”(detalhe | detail)

“Impermanentia” decorre na designação da obra homónima da artista que lhe serve de eixo conceptual — um livro constituído por pinturas sobre suporte têxtil, cuja estrutura física e narrativa se encontra em permanente mutação. Concebido como um objeto de leitura e contemplação, o livro-objeto-artístico desdobra-se em fólios que, uma vez desmembrados e reagrupados, configuram uma pintura única de dupla face, capaz de ser instalada, reinstalada ou reconvertida à sua forma original de lâminas, conforme o gesto ou o arbítrio da artista.

Esta condição mutante — entre o objeto e a pintura, entre o íntimo e o público, entre o estático e o performativo — confere-lhe uma natureza efémera e reversível, tornando-o igualmente suscetível de ativação enquanto happening. A obra inscreve-se na tradição dos livros de artista que questiona a fronteira entre texto, imagem e objeto, propondo novas formas de leitura e de experiência estética.

Arroga-se metáfora da impermanência cultural: um corpo vivo que se desmembra e recompõe, que se altera, absorve e incorpora novos elementos. Um organismo simbólico e simbiótico em constante processo de regeneração. A sua estrutura aberta e cumulativa traduz o carácter transitório da vida e da cultura, entendida não como arquivo fixo, mas como matriz em movimento, sujeita à erosão do tempo, à reinterpretação e à inevitável transformação.

“Impermanentia” assume-se assim como uma reflexão sobre a instabilidade da forma e da memória, e, simultaneamente, sobre a vitalidade da criação artística de Ana Malta enquanto ato de reinvenção contínua.



The exhibition's title derives from the artist's homonymous work, which serves as its conceptual axis — an artist's book composed of paintings on textile support, whose physical and narrative structure remains in constant transformation. Conceived as an object of reading and contemplation, the book unfolds into folios that, once disassembled and rearranged, configure a unique double-sided painting, capable of being installed, reinstalled, or reconverted into its original form according to the artist's gesture or intent.

This mutating condition — between object and painting, intimacy and exposure, stasis and performance — endows the work with an ephemeral and reversible nature, rendering it equally susceptible to activation as a happening. The piece situates itself within the tradition of artist's books that question the boundaries between text, image, and object, proposing new forms of reading and aesthetic experience.

It stands as a metaphor for cultural impermanence — a living body that disassembles and recomposes, that absorbs, alters, and incorporates new elements: a symbolic and symbiotic organism in a continual process of regeneration. Its open and cumulative structure reflects the transitory nature of life and culture, understood not as a fixed archive but as a matrix in motion, subject to time's erosion, reinterpretation, and inevitable transformation.

Impermanentia thus emerges as a reflection on the instability of form and memory, and simultaneously on the vitality of Ana Malta's artistic practice as an act of perpetual reinvention.

A mostra integra também em destaque “Papel de Parede”: uma obra de produção colaborativa concebida pelo coletivo artístico Vês.Três, formado por Ana Malta, Madalena Pequito e Maria de Brito Matias. Consistindo num rolo contínuo de dez metros de comprimento, pintado em gesto colaborativo, a obra é alienada a metro ao longo da exposição, num ato de crítica performativa dirigido às dinâmicas de mercantilização da arte, ao consumismo exacerbado e à crise de acessibilidade habitacional que caracteriza a contemporaneidade portuguesa. O título — de aparente banalidade doméstica — é, contudo, profundamente irónico: o “papel de parede” converter-se em metáfora visual da superfície estética como produto de consumo, mas também em palimpsesto coletivo, onde se sobrepõem gestos, intenções e identidades.

A inclusão desta obra no contexto de “Impermanentia” reafirma o interesse de Ana Malta por processos colaborativos e práticas de criação partilhada, situando-a numa linguagem uma vez mais cara ao movimento surrealista que, através de experiências como o cadavre-exquis, procurou libertar o ato criativo das hierarquias da autoria e da lógica racional. Veiculada pelo coletivo Vês.Três, essa herança é reinterpretada à luz da contemporaneidade, convertendo a colaboração num gesto de resistência poética e política face às estruturas de individualismo e de mercado que dominam a produção artística atual.

A obra, procedente desse ato de consonância enuncia-se como objeto híbrido e efémero, simultaneamente obra, ação e comentário, que nos devolve a consciência da transitoriedade dos valores — estéticos, económicos e culturais — sobre os quais assenta a própria noção de permanência.

The exhibition also features “Papel de Parede”, a collaborative work conceived by the artistic collective Vês.Três, formed by Ana Malta, Madalena Pequito, and Maria de Brito Matias. Comprising a continuous 10-metre-long painted roll executed through a shared gesture, the work is sold by the metre throughout the exhibition — a performative act of critique directed at the commodification of art, excessive consumerism, and the housing inaccessibility crisis that defines contemporary Portugal. The title — of seemingly domestic banality — is, however, deeply ironic: the “wallpaper” becomes a visual metaphor for the aesthetic surface as a consumer product, but also a collective palimpsest, where gestures, intentions, and identities overlap.

Its inclusion within Impermanentia reaffirms Malta’s engagement with collaborative processes and shared creation, aligning her practice once again with that of the Surrealist movement, which, through experiments such as the “cadavre exquis”, sought to liberate artistic creation from the hierarchies of authorship and the confines of rational logic. Through the collective Vês.Três, this legacy is reinterpreted in the light of contemporary practice, transforming collaboration into a poetic and political gesture of resistance against the individualism and market structures that dominate today’s art production.

The resulting work — born of consonance — manifests as a hybrid and ephemeral object, simultaneously artwork, action, and commentary, restoring to the viewer an awareness of the transience of aesthetic, economic, and cultural values upon which the very notion of permanence is founded.





SOBRE O ARTISTA

Ana Malta (n. | b. 1996 Portugal | Portugal)

Ana Malta é uma artista plástica que vive e trabalha em Lisboa. Com uma formação académica em pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e um mestrado em Gestão de Indústrias Criativas pela UCP-Porto, Ana Malta desenvolve um trabalho onde a cor, os padrões e a composição constituem os alicerces de sua expressão visual. A sua prática artística é impulsionada pela inquietação estética e pelo potencial transformador do "erro" como ferramenta criativa.

A obra de Ana Malta transcende a exploração da forma e da cor; convertendo-se um espaço de investigação sobre expressão, corpo, memória e a relação entre o tangível e o inconsciente. A sua procura estética é marcada por contrastes, pelo estudo das possibilidades compositivas e pela interação entre o erro e a intencionalidade. A artista cria não apenas imagens, mas experiências visuais que dialogam com a percepção e a emoção do espectador.

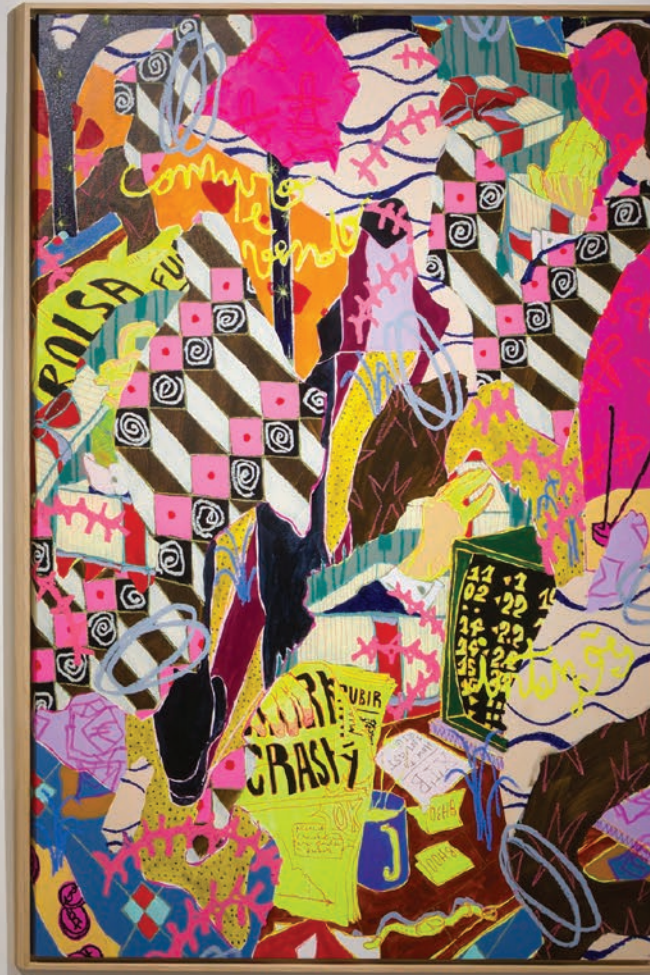
ABOUT THE ARTIST

Ana Malta is a visual artist who lives and works in Lisbon. With an academic background in painting from the Faculty of Fine Arts of the University of Lisbon and a master's degree in Creative Industries Management from UCP-Porto, Malta develops work in which color, patterns, and composition become the foundation of her visual expression. Her artistic practice is driven by aesthetic restlessness and the transformative potential of "error" as a creative tool.

Malta's work goes beyond the exploration of form and color; it becomes a space for investigating expression, the body, memory, and the relationship between the tangible and the unconscious. Her aesthetic pursuit is marked by contrasts, the study of compositional possibilities, and the interaction between error and intentionality. Ana Malta creates not just images but visual experiences that engage with the viewer's perception and emotion.

Artista no estúdio | Artist in studio
(Foto de | Photo by André Mascarenhas Barreto)





A obra “Longe ou perto... é um aberto” fala do impulso e da atração entre a distância e a proximidade, onde mesmo quando se avança, a sombra da dúvida e do arrependimento o permanece. Retrata o paradoxo de lutar pela liberdade enquanto se está preso a um sentido de responsabilidade silencioso, uma atração que está sempre presente. O “aperto” tornase uma metáfora da pressão implacável da ambição e da autorreflexão, onde o desejo de progresso está inextricavelmente ligado ao peso das emoções não resolvidas. Esta peça convida a uma contemplação mais profunda de como, independentemente do sítio para onde vamos, a tensão entre aspiração e arrependimento nunca desaparece completamente.

The work "Longe ou perto...é um aberto" speaks to the push and pull between distance and closeness, where even as one moves forward, the shadow of doubt and regret remains. It portrays the paradox of striving for freedom while being bound by a quiet sense of responsibility, a pull that is always present. The "aperto" or tightness becomes a metaphor for the unrelenting pressure of ambition and self-reflection, where the desire for progress is inextricably linked with the weight of unresolved emotions. This piece invites a deeper contemplation of how, no matter where we go, the tension between aspiration and regret never fully fades.



“Longe ou Perto... É um aberto”, 2025

Acrílico, barra de óleo e pastel seco s/ tela
Acrylic, oil bars and dry pastel on canvas

200 x 154 cm



"Desafios de contas", 2025

Acrílico, barra de óleo e pastel seco s/ papel
Acrylic, oil bars and dry pastel on paper

50 x 70 cm



"Desafio de Contas" explora a vergonha silenciosa de ter dificuldade nas tarefas cotidianas da vida — como fazer contas simples. Fala do medo de não conseguir aprender ou, pior ainda, de não saber ensinar. Em segundo plano, persiste uma insegurança: o estereótipo de que os artistas não são inteligentes e a preocupação de ser visto dessa forma. O desenho mostra uma secretária cheia de papéis, como se estivéssemos a meio de um exame — uma memória de infância que ainda permanece. Contudo, apesar do peso desse momento, há uma serenidade na consciência de que fazemos sempre o nosso melhor — e de que cada pessoa tem o seu próprio tipo de brilho.

"Desafio de Contas" explores the quiet shame of struggling with life's everyday tasks — like doing simple math. It speaks to the fear of not being able to learn, or worse, not knowing how to teach. In the background, there's a lingering insecurity: the stereotype that artists aren't intelligent, and the worry of being seen that way. The drawing shows a desk scattered with papers, as if in the middle of an exam — a childhood memory that still lingers. Yet, despite the weight of that moment, there's calm in the awareness that we always do our best — and that everyone has their own kind of brilliance.

“Poucos ventos, muitas tempestades” revisita o provérbio “Quem semeia ventos, colhe tempestades”, estabelecendo uma comparação entre a política e um jogo de matraquilhos: os jogadores (os políticos) estão em movimento, enquanto a sociedade, presa às barras, mal se move e quase não tem voz.

“Poucos ventos, muitas tempestades” revisits the proverb “sow the wind, reap the storm”, comparing politics to a table football game: the players (the politicians) are in motion, while society, fixed to the rods, barely moves and has almost no voice.



“Poucos ventos, muitas tempestades”, 2025

Acrílico e pastel seco s/ papel
Acrylic and dry pastel on canvas

50 x 65 cm





"Esqueço-me Segundos", 2025

Acrílico, barra de óleo e pastel seco s/ tela
Acrylic, soft pastel and oil bar on canvas

150 x 100 cm



Em "Esqueço-me segundos", onde se lê "Espero horas, interrompo minutos", a artista brinca com a noção de tempo, refletindo sobre a forma como lidamos com o facto de não conseguirmos tudo o que desejamos, quando o desejamos. Há esperas longas — de horas, dias, anos — e a maturidade está em saber não se deixar consumir pela impaciência. A obra representa um atelier de costura, onde o tempo é tecido silenciosamente, enquanto pequenas distrações — como um rato escondido — recordam que a vida decorre à volta e que a paciência inclui observar sem se perder no que se observa.

In "Esqueço-me segundos", where we read "I wait hours, I interrupt minutes", the artist plays with the notion of time, reflecting on how we deal with not being able to have everything we desire when we desire it. There are long waits — of hours, days, even years — and maturity lies in knowing how not to be consumed by impatience. The work depicts a sewing studio where time is silently woven, while small distractions — such as a hidden mouse — remind us that life unfolds around us, and that patience involves observing without losing ourselves in what we observe.

A obra “Quanto Custa a Inteligência?” apresenta a frase “Constantemente a preguiçar o saber” nasce do desejo da artista de saber mais, compreender o mundo, apreender a ciência, lembrar datas históricas importantes e explicar o seu significado. Porém, o seu corpo resiste a essa urgência. Parece indiferente à curiosidade da mente, incapaz de manter o foco necessário para a acompanhar.

A peça mostra momentos da vida da artista em que deixou tarefas por concluir, desejando terminá-las mas sendo travada por algo invisível. Esse obstáculo surge como um fantasma trocista de si própria, coberto com um pano tradicional português, numa referência bem humorada ao estereótipo de que os portugueses são preguiçosos. No centro da obra, um espelho oculto revela-se através do reflexo do manequim de madeira e da abóbora, ambos duplicados. Um cão também surge em duplicado, visto de frente e de costas. O seu olhar é quase inexpressivo, como se tentasse compreender o próprio reflexo sem conseguir reconhecê-lo — ecoando a desconexão entre mente e corpo que a obra explora.

The artwork “Quanto Custa a Inteligência?” features the phrase “Constantly lazing around knowledge.” It was born from the artist’s desire to know more, to understand the world, grasp science, remember key historical dates, and explain their meaning. Yet her body resists this urgency. It seems indifferent to the mind’s curiosity, lacking the focus to pursue it.

The piece shows moments from the artist’s life when she left tasks unfinished, wanting to complete them but held back by something invisible. That obstacle appears as a teasing ghost of herself covered with a traditional Portuguese cloth, a playful reference to the stereotype that Portuguese people are lazy. At the center of the work, a hidden mirror is revealed through the reflection of the wooden mannequin and the pumpkin, both duplicated. A dog also appears doubled, seen from the front and the back. Its face is almost expressionless, as if trying to understand its own reflection but failing to recognize it—echoing the disconnection between mind and body that the work explores.



“Quanto custa a Inteligência?”, 2025

Acrílico, barra de óleo e pastel seco s/ tela
Acrylic, soft pastel and oil bar on canvas

150 x 100 cm



"Não aceito devoluções", 2025

Acrílico, barra de óleo e pastel seco s/ tela
Acrylic, soft pastel and oil bar on canvas

150 x 100 cm



A obra "Não Se Aceitam Devoluções" apresenta a frase "Compro e vendo intenções." Pintada em torno do tema do mercado de valores e da negociação de fundos, inspira-se no antigo sistema de open outcry, uma forma primitiva de investimento baseada em licitações gritadas e gestos. Jogando com essa ideia, a pintura transforma-se também numa espécie de linguagem visual e gestual, um "grito aberto" de frustração e desilusão.

Reflete sobre o vazio das intenções inativas, quando se fazem promessas que nunca chegam a ser cumpridas. Fazendo referência ao ditado "as ações falam mais alto do que as palavras", a artista explora a ideia de investir em ações, vender intenções e recusar recuperar palavras que nunca serão honradas.

The artwork " Não Se Aceitam Devoluções " features the phrase "I buy and sell intentions." Painted around the theme of the stock market and the trading of funds, it draws inspiration from the old open outcry system, an early form of investment based on shouted bids and gestures. Playing with this idea, the painting also becomes a kind of visual and gestural language, an "open cry" of frustration and disappointment.

It reflects on the emptiness of inactive intentions, when promises are made but never fulfilled. Referencing the saying "actions speak louder than words," the artist explores the idea of investing in actions, selling intentions, and refusing to take back words that will never be kept.



"Impermanentia" confronta a ilusão de permanência, apresentando duas pinturas que só surgem quando um único livro é desconstruído. A obra materializa uma rebelião contra a repetição, o óbvio e a monotonia das formas familiares. A mutabilidade do livro reflete a própria ética criativa da artista: uma recusa em replicar cenários ou conceitos, abraçando a imprevisibilidade da vida enquanto negocia a continuidade. A cor e o padrão são os únicos elementos que ela permite que permaneçam, âncoras subtis da sua identidade visual, sugerindo constância no meio de uma transformação incessante.

"Impermanentia" confronts the illusion of permanence, presenting two paintings that emerge only when a single book is deconstructed. The work embodies a rebellion against repetition, the obvious, and the monotony of familiar forms. The book's mutability mirrors the artist's own creative ethos: a refusal to replicate scenarios or concepts, embracing life's unpredictability while negotiating continuity. Color and pattern are the only elements she allows to linger, subtle anchors of her visual identity, hinting at constancy amid relentless transformation.



"Impermanentia", 2025

Técnica mista
Mixed Media

A3 em livro | A3 in book

84 x 115 cm aberto | open



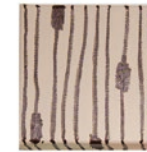






"Todos Soluçamos" desdobra-se como um palco emocional: parte confissão, parte representação. Pipocas espalhadas recordam os gestos cinematográficos que fazemos para disfarçar a dor. Uma máscara de tragédia clássica observa a cena, ecoando os papéis que desempenhamos para parecer controlados . Páginas com pensamentos escritos repousam sobre uma tábua de engomar, como se os sentimentos estivessem a ser passados e preparados para ar rumação. Dois salva-vidas permanecem ali, sinais silenciosos de resgate. Esta obra move-se entre lágrimas derramadas e lágrimas contidas. Reflete o frágil teatro da emoção, lembrando-nos que, por detrás de cada acto de controlo, todos soluçamos."

"Todos Soluçamos" unfolds as an emotional stage: part confession, part act. Scattered popcorn recalls the cinematic gestures we perform to mask our pain. A classical tragedy mask watches over the scene, echoing the roles we play to appear composed. Pages of written thoughts rest across an ironing board, as if feelings were being pressed and prepared for storage. Two lifebuoys linger, quiet signs of rescue. This work moves between tears shed and tears restrained. It reflects the fragile theatre of emotion, reminding us that behind every act of control, we all sob.



"Todos soluçamos", 2025

Acrílico, barra de óleo e pastel seco s/ tela
Acrylic, soft pastel and oil bar on canvas

145 x 147 cm



"Onde Está Vontade Está Bondade", 2025

Acrílico e pastel seco s/ papel
Acrylic and soft pastel on paper

75 x 105 cm

"Onde Está Vontade, Está Bondade" sublinha a importância do contexto e da compreensão. A obra destaca tarefas quotidianas, muitas vezes ignoradas, que desempenham um papel essencial na vida de quem enfrenta desafios. Numa sociedade rápida a julgar pelas aparências, a artista convida-nos a pausar e a olhar para as razões por detrás de cada situação. É um apelo à empatia: onde existe a vontade genuína de viver com justiça, a bondade e a verdade podem ser encontradas dentro do contexto, apesar das dificuldades.

"Onde Está Vontade, Está Bondade" highlights the importance of context and understanding. The artwork highlights everyday tasks, often overlooked, that play an essential role in the lives of those facing challenges. In a society quick to judge by appearances, the artist invites us to pause and see the reasons behind each situation. It is a call for empathy: where there is the genuine will to live justly, goodness and truth can be found within the context, despite the challenges.





“A mais planos sem enganos” reflete sobre a celebração da passagem dos anos num mundo focado no negativo. A artista mostra como até uma única crítica pode ofuscar muitos elogios e opta por encarar a vida como uma celebração de mais anos sem danos e de planos futuros sem erros... ou apenas com bons erros. A obra inclui símbolos pessoais como a família, festas de aniversário, puzzles que representam desafios ou situações a resolver na vida, e doces surpresas numa pinhata ainda por abrir.

“A mais planos sem enganos” reflects on the celebration of passing years in a world focused on the negative. The artist shows how even a single criticism can over shadow many compliments and chooses to frame life as a celebration of more years without harm and future plans without mistakes...or only with good mistakes. The work includes personal symbols such as family, birthday parties, puzzles representing challenges or situations to solve in life, and sweet surprises in an unopened piñata.



“A mais planos sem enganos”, 2025

Acrílico, barra de óleo e pastel seco s/ tela
Acrylic, soft pastel and oil bar on canvas

136 x 200 cm



"Não há ventríloquo sem o boneco", 2025

Acrílico, barra de óleo e pastel seco s/ tela
Acrylic, soft pastel and oil bar on canvas

150 x 100 cm

Nesta composição vibrante e caótica, a frase "Respeito era medo e a verdade segredo" torna-se a chave de leitura da obra. A artista constrói um universo surreal de marionetas manipuladas por um homem, rodeado de figuras que envergam colarinhos plissados. Historicamente, esses colarinhos foram símbolos de nobreza e respeito, associados à autoridade e à distinção social; contudo, na contemporaneidade, evocam frequentemente o palhaço e a performance, convertendo o que outrora inspirava reverência em algo leve, quase risível.

Essa transmutação reflete o modo como o tempo e a consciência crítica reformulam o nosso entendimento do poder e do respeito. O polvo, criatura célebre pela sua capacidade de camuflagem, simboliza a tendência humana para o disfarce da vulnerabilidade sob a aparência de força ou intimidação, um subterfúgio pobre face à verdadeira autoridade. Já o bolo de aniversário surge como metáfora da passagem do tempo e do amadurecimento que advém da consciência de si: com os anos, o entendimento aprofunda-se e a obediência cega desvanece.

Por entre estas metáforas sobrepostas, a obra recorda-nos que o medo não deve mascarar-se de respeito, nem deve governar-nos como um ventríloquo domina a sua marioneta.

In this vibrant and chaotic composition, the phrase "Respect was fear and truth a secret" becomes the key to reading the work. The artist constructs a surreal world of puppets manipulated by a man, surrounded by figures wearing ruffled collars. Historically, such collars were symbols of nobility and respect, associated with authority and social distinction; yet in contemporary times they often evoke the clown and the performer, turning what once inspired reverence into something light-hearted, almost laughable.

This transmutation reflects the way time and critical awareness reshape our understanding of power and respect. The octopus, a creature renowned for its ability to camouflage itself, symbolises the human tendency to disguise vulnerability beneath an appearance of strength or intimidation — a poor substitute for true authority. Meanwhile, the birthday cake appears as a metaphor for the passing of time and the maturation that comes with self-awareness: with the years, understanding deepens and blind obedience fades.

Amid these layered metaphors, the work reminds us that fear should not masquerade as respect, nor should it govern us as a ventriloquist controls a puppet.





“Corpo Estragado, Corpo Amado” é uma obra profundamente pessoal que reflete sobre um amor incondicional e intemporal, bem como sobre o papel que as pessoas desempenham nas nossas vidas. O piano, símbolo de uma ligação profunda, torna-se uma sinestesia de saudade. A banana comida, restando apenas a sua casca, representa o deslize provocado pela ilusão de que o amor por um corpo danificado seria suficiente.

“Corpo Estragado, Corpo Amado” is a deeply personal work that reflects on an unconditional and timeless love, as well as the role people play in our lives. The piano, a symbol of a deep connection, becomes a synesthesia of longing. The eaten banana, with only its peel remaining, represents the slip caused by the illusion that love for a damaged body would be enough.



“Corpo Estragado, Corpo Amado”, 2025

Acrílico, barra de óleo e pastel seco s/ papel
Acrylic, oil bar and dry pastel on paper

49,5 x 40 cm



SOBRE A GALERIA

A THIS IS NOT A WHITE CUBE é uma galeria internacional de arte contemporânea, fundada em Luanda em 2016 e sediada em Lisboa, Portugal. Através da representação e colaboração com artistas nacionais e internacionais, estabelecidos e emergentes, a galeria apresenta um programa centrado em narrativas e debates relevantes, associados ao contexto europeu e do Sul Global. Com um espírito pioneiro de descompartmentalização e inclusão, favorecendo os diálogos interculturais, é a primeira galeria africana em Portugal a abrir o seu círculo de colaboração tanto a artistas locais como a produções artísticas do Sul Global, incluindo o Brasil e países africanos não lusófonos. A galeria mantém uma presença regular e significativa em importantes feiras internacionais de arte.

ABOUT THE GALLERY




THIS IS NOT A WHITE CUBE is an international contemporary art gallery, founded in Luanda in 2016 and based in Lisbon, Portugal. Through the representation and collaboration with both national and international artists, whether established or emerging, the gallery presents a program focused on relevant narratives and debates, associated with the European context and the Global South. With a pioneering spirit of decompartmentalization and inclusion, favoring intercultural dialogues, it is the first African gallery in Portugal to open its collaborative circle to both local artists and artistic productions from the Global South, including Brazil and non-Lusophone African countries. The gallery maintains a regular and significant presence at major international art fairs.

EQUIPA | TEAM:

Sónia Ribeiro - CEO e Diretora | CEO and Director (+351) 967 042 186 | (+33) 6 218 638 77
Graça Rodrigues - Diretora e Curadora | Director and Curator (+351) 967 260 472
Sofia Tudela - Gestora de Operações | Operations Manager
Nelson Chantre - Design Gráfico e Audiovisual | Graphic Design and Audiovisual

HORÁRIO | HOURS: 3^ªf. - Sáb. / 14h30 - 19h00 | Tue. - Sat. / 2:30 - 7 p.m. **MORADA | ADDRESS:** Rua da Emenda 72, 1200-170, Lisboa

CONTACTOS | CONTACTS:

 gallery@thisisnotawhitecube.com  www.thisisnotawhitecube.com  (+351) 967 042 186 | (+351) 967 260 472



|| THIS IS NOT
|| A WHITE CUBE